



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local Mídia Impressa

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, domingo, 16 de janeiro de 2011

A CRITICA notas & notas.....	1
ECONOMIA	
A CRITICA Os desafios do crescimento industrial	2
ECONOMIA	
A CRITICA Como desencahar o polo naval do AM	3
ECONOMIA	
A CRITICA Como desencahar o polo naval do AM (continuação)	4
ECONOMIA	
A CRITICA VISÃO CONJUNTURAL.....	5
ECONOMIA	
A CRITICA Júlio Ventilari	6
BEM VIVER	
AMAZONAS EM TEMPO Para onde vai a ZFM? (II).....	7
ECONOMIA	

notas & notas

Reuniões Já estão previstas para os dias 23 e 24 de fevereiro as reuniões do Conselho de Administração da Suframa (CAS) e do Conselho de Desenvolvimento do Amazonas (Codam), respectivamente.

Reuniões 2 Como se fosse um espectro, paira sobre essas duas reuniões a necessidade de se discutir até onde vale a pena injetar novos investimentos sobre uma matriz de desenvolvimento regional que demanda inadiável avaliação.

Manaus, domingo, 16 de janeiro de 2011.

Os desafios do crescimento industrial

Muitos especialistas estão confiantes que o Brasil será protagonista de um futuro com resultados mais promissores do que os obtidos no ano passado. O governo finalmente entendeu o seu papel de indutor na economia. As medidas adotadas durante a crise financeira mundial levaram o Brasil a ser considerado exemplo para vencer a estagnação econômica e emergir desse processo mais forte, com números que mostram as transformações sociais e econômicas ocorridas. Mas o longo período de tentativas equivocadas para se desenvolver acumulou problemas de toda ordem que

levarão muito mais tempo para serem sanados ou minimizados, e que são obstáculos a serem vencidos para alcançarmos o tão sonhado crescimento econômico e social. Por isso, o planejamento de como atacar as prioridades deve ser feito com a máxima urgência, porém, com muito cuidado, a fim de que novamente não venhamos a ter nossas esperanças frustradas. A "Agenda do Desenvolvimento" mostra a relevância do setor industrial no dinamismo da economia brasileira. O crescimento industrial é capaz de

promover o adensamento das relações intrasetoriais e intersetoriais da economia do país, diversificando a produção, irradiando seus efeitos nos demais setores e gerando ganhos tanto para o mercado interno como para o externo. Mas, para haver crescimento industrial, precisam ser sanadas as carências e distorções crônicas na infraestrutura de todo o país, principalmente nos setores de transportes e telecomunicações. Precisamos escapar da situação incômoda de juros altos e moeda

sobrevvalorizada que mina a competitividade da indústria brasileira. O aquecimento da demanda demonstra ser maior do que a produtividade industrial, provocando o aumento das importações, favorecidas pela taxa cambial vigente. Sabemos que aumentar o nível de produção industrial de modo expressivo é tarefa que exige investimentos cuja maturação leva mais tempo. A desvalorização do dólar e os preços baixos de produtos e componentes importados, principalmente de países asiáticos, são itens que prejudicam a indústria

nacional, tendendo a iniciar um processo de desindustrialização. Esses desafios precisam ser superados com rigor a fim de que possamos ter uma indústria diversificada, competitiva e inovadora. O Polo Industrial de Manaus possui as bases para ser um dos protagonistas no avanço de modernidade, competitividade e inovação. Basta que para isso sejam dadas as ferramentas necessárias, como educação de qualidade, infraestrutura, logística e financiamento, indispensáveis para o nosso desenvolvimento sustentável.

**Gilmar
Freitas**

e-mail:
gilmarfreitas@
hotmail.com



Como desencahar o polo naval do AM

**TEREZINHA PATRÍCIA
E JOUBERT LIMA**

DA EQUIPE DE A CRÍTICA

Superintendência da Zona Franca de Manaus (Suframa), Governo do Estado e iniciativa privada estão unindo esforços para, finalmente, consolidar o polo naval no Amazonas, hoje formado por empresas que, em sua maioria, atuam na informalidade. Um grupo de trabalho constituído pelos diversos segmentos da cadeia produtiva e órgãos governamentais está discutindo estratégias para desencahar o setor e preparar as empresas locais para um ambiente competitivo.

Representantes de toda a cadeia produtiva do setor estarão reunidos a partir do dia 18 no "1º Encontro do Polo Naval", que acontecerá na sede da Suframa. A ideia é propor soluções para os eternos gargalos como a necessidade de modernização, formação de mão de obra, crédito, regularização de estaleiros e local para abrigar o polo, entre outros.

A questão é que o polo já está no início de um processo de ampliação, com grandes empresas internacionais interessadas em investir na cidade. Se quiserem continuar no mercado, as empresas já instaladas terão de modernizar-se. "Dentre o que se faz necessário e urgente é trazer para a formalidade os estaleiros que se encontram às margens dos incentivos, da legalização e da estruturação que se pensa para o setor", diz Ana Maria Souza, coordenadora de estudos econômicos da Suframa.

O coordenador do Núcleo Estadual de Arranjos Produtivos Locais (APLs), Marcondes Noronha, aponta questões trabalhistas e ambientais que precisam ser resolvidas pelos estaleiros se quiserem sobreviver à transformação pela qual o setor passará.

O evento terá a participação da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República (SAE), Suframa, Universidade Federal do Amazonas (Ufam), Secretaria de Estado do Planejamento (Seplan), Sindnaval entre outros.

OS GRINGOS VÊM AÍ

Interesse dos investidores não falta. Empresários coreanos, chineses, espanhóis, suíços e italianos já mostraram disposição em investir no setor em Manaus. Vantagens tributárias, mercado gigantesco para transporte de cargas e passageiros, aumento da demanda por embarcações são alguns dos atrativos que

Como desencaixar o polo naval do AM (continuação)

Três perguntas para

Marcondes Noronha

COORD. DO NÚCLEO
ESTADUAL DE APL

1 Que tipo de segmento interessa mais aos grandes investidores?

Os investidores estrangeiros estão interessados no ramo de grandes embarcações, mas há todo tipo de demandas, desde a construção completa até a produção de componentes.

2 Em que pé estão as atividades do grupo de trabalho?

É preciso mapear a situação geral do setor, encontrar pontos de ação, definir diretrizes. Trata-se de um setor extremamente promissor, mas, no momento, é preciso buscar organização.

3 O debate sobre a necessidade de implantação do polo naval não é nova. Será que agora o projeto vai andar?

Já faz tempo, mas um projeto como esse não se desenvolve de uma hora para outra. Mas a Amazônia é um foco de atração de investimentos.

Eternos gargalos do setor

Para segurar uma parte desse mercado promissor, os empresários locais precisam resolver os gargalos do setor, principalmente a falta de modernização da maioria dos empreendimentos. Para dar uma ideia da precariedade, dos 60 estaleiros que funcionam em Manaus, apenas sete têm projeto aprovado na Suframa para usufruir dos benefícios fiscais.

Outro dado negativo é que quase a metade dos estaleiros está na informalidade. A burocracia para o pequeno empresário acessar uma linha de crédito e se modernizar é citada pelo presidente

do Sindnaval na lista de dificuldades.

A chegada de novos investimentos deve dar uma injeção de modernidade ao setor, mas também pode sufocar de vez as pequenas empresas que não estiverem bem estruturadas para competir.

Uma indústria multinacional que produz iates planeja trazer um grupo de componentes; outra quer montar uma fábrica de acabamento de interiores, que inclui acústica e refrigeração. E os coreanos já estão em negociação com um parceiro local para se instalar em Manaus. É esperar para ver.

explicam o interesse.

De acordo com o presidente do Sindicato da Indústria de Construção Naval de Manaus (Sindnaval), Matheus de Oliveira Araújo, a indústria nacional já deu sinais de que não terá condições de atender a demanda por embarcações gerada pela exploração do pré-sal, o que significa oportunidade para inves-

timentos no Amazonas.

O gargalo representado pelo local de instalação de uma área específica para o polo da indústria naval deve ser resolvido em breve. O local mais provável é uma área de 24 quilômetros quadrados, às margens do rio Amazonas, 15 quilômetros abaixo do tombamento do Encontro das Águas.

VISÃO CONJUNTURAL

MPEs, um grande potencial

Com uma boa base técnica de sustentação, as micro e pequenas empresas têm tudo para decolar até no mercado mundial

CIMONE BARROS
DA EQUIPE DE A CRÍTICA

Ampliar a disponibilização de informações gerenciais e técnicas às micro e pequenas empresas (MPEs) do Amazonas e intensificar a interiorização do Sebrae-AM. Esta é a política do Sebrae para este ano, que pretende trabalhar em 79 projetos nos segmentos de agronegócio, educação empreendedora, comércio, serviço e tecnologia. Desses, seis projetos são específicos para a Copa do Mundo de Futebol de 2014.

Outra bandeira de luta da entidade é regulamentar a Lei Geral das MPEs em mais de 40 municípios do estado, hoje apenas 29 garantem. Segundo o presidente em exercício do Sebrae-AM, Muni Lourenço, a prioridade são os municípios do Alto Solimões e cidades circunvizinhas de onde a instituição possui escritórios regionais. Atualmente está presente em sete municípios: Maués, Tefé, Coari, Itacoatiara, Autazes, Tabatinga e Parintins.

Para a regulamentação, a Lei nº 123/2006, também conhecida por Lei Geral da Micro e Pequena Empresa precisa ser aprovada na Câmara Municipal do município. A legislação amplia e regulariza a maioria das vantagens das MPEs, que repre-



O espaço para microempresas ganharem o mundo via web é grande

sentam mais de 90% das pessoas jurídicas existentes no País. Ela traz a redução da informalidade, o aquecimento das economias locais e o surgimento de novos negócios. Para isso, o município se compromete a criar um ambiente favorável de compras governamentais no valor de R\$ 80 mil das MPEs.

"Além disso, a regulamentação deve criar o agente local de empreendedorismo que vai dar apoio ao micro e tratamento diferenciado nas licitações", contou Lourenço, lembrando que outra meta do Sebrae é formalizar 8 mil empreendedores individuais, traz a redu-

ção da informalidade, o aquecimento das economias locais e o surgimento de novos negócios.

Onde a Lei Geral já foi regulamentada, o objetivo é aproximar as MPE dos bancos, dos compradores. Em Tabatinga, região de triplíce fronteira - Brasil, Peru e Colômbia - o trabalho do Sebrae ajudou que as compras governamentais para a sua estrutura de funcionamento fossem feitas em MPEs locais. Por ser área de fronteira e de relevante importância geopolítica, no município há a presença da Polícia Federal, Exército, Justiça Federal, bancos.

Internacionalização

Até há alguns anos seria inimaginável encontrar produtos brasileiros fabricados por uma comunidade amazônica na Europa, nos Estados Unidos ou em países asiáticos. A Internet, porém, encurtou a distância por meio de uma ferramenta que se mostrou eficaz mundialmente: o comércio eletrônico entre as empresas, mais conhecido como B2B (*business to business*). Ao toque de um clique, as empresas nacionais alcançam os mais desafiadores mercados com a redução dos trâmites de negociação e a otimização dos processos. Considerando a exclusividade e a qualidade indiscutível dos produtos nacionais, a demanda só tende a crescer. Esse espaço pode e deve ser preenchido pelas pequenas e médias empresas. De acordo com dados do Sebrae, existem atualmente mais de 5 milhões de micro e pequenas empresas no País,



Kenneth Ma
e-mail: vanessa.ramello@imagemcorporativa.com.br

das quais 93% já utilizam computador e Internet e 81% já contam com *website* próprio. No entanto, apenas 28% utilizam plataformas online B2B para atingir o comércio internacional. Esse gargalo representa uma oportunidade de negócios para as MPEs. O primeiro semestre de 2010 mostrou um Brasil revigorado e pronto para atingir o mercado internacional. Somente as exportações cresceram 27,5% no período com um valor de US\$ 89,2 bilhões, o que denota que o País reagiu bem à crise financeira mundial. No entanto, a valorização recente do real perante o dólar afetará as exportações com a tendência natural ao esti-

mulo das importações. É crucial neste momento intensificar as exportações com iniciativas plausíveis e realistas. Mais uma vez o comércio eletrônico surge como alternativa a esse processo. Plataformas B2B evitam viagens de negócios muitas vezes desnecessárias e com custo elevado, principalmente para as MPEs que têm recursos limitados.

Seguindo esse caminho, em um futuro não muito distante, será possível visualizar um cenário promissor para as MPEs brasileiras no mesmo molde das companhias de mesmo porte de outros países do Bric, como a China. O volume gerado pelo e-commerce no país asiático ultrapassou US\$ 530 bilhões em 2009 e, de acordo com a China Internet Network Information Center (CNNIC), a população online já chega a 420 milhões usuários. Chegou o momento de o Brasil seguir esse exemplo.

Júlio Ventilari

Cilindradas

Com uma fábrica no Polo Industrial de Manaus, a Kawasaki quer ampliar seus domínios no mercado nacional. A montadora projeta aumentar, este ano, de 40 para 60 suas concessionárias no País.

Para onde vai a ZFM? (II)



alfredo.lopes@uol.com.br

Cabe ainda retomar o debate sobre o imperativo de uma avaliação criteriosa do modelo ZFM, repercutido pelos jornais do Sudeste na semana passada, mais uma vez, para destacar o papel de Manaus no desequilíbrio da balança comercial brasileira e, mais grave ainda, de contribuir pela "desindustrialização" dos investimentos nacionais. As entidades locais já se adiantaram a responder ao Ministério do Desenvolvimento, proponente da intervenção, e, quem sabe, resolvam publicar novos escla-

recimentos na mídia nacional. Ações coerentes, porém, rigorosamente inócuas, à vista das opiniões cristalizadas e decisões já tomadas em torno das saídas habituais que implicam rever para esvaziar o modelo ZFM. "O inferno são os outros", dizia o filósofo Jean-Paul Sartre, para ilustrar a incapacidade do indivíduo de olhar para si mesmo no âmbito de suas relações. O inferno sartreano, aliás, é a vida sem interrupções e a claridade eterna, fatores de perpetuação da falsa ordem e da proibição da mudança.

É insano, pois, não rever os fatos nem aventar o salto das transformações.

Estamos próximos de completar os 100 anos do fracasso da economia do látex, do desfecho melancólico das folias que regalarão o Ciclo da Borracha. E a história tem todos os requisitos para se repetir. Agora como farsa e tragédia de uma só vez caso não sejam tomadas medidas drásticas de auditoria, avaliação e mudanças robustas de planejamento. Alguns gestores e lideranças empresariais se mostram refra-

tários à tarefa, fruto provável de um conservadorismo vesgo e acomodado de alguns investidores ou de seu alheamento e descomprometimento com as limitações do modelo, os riscos de sua dependência fiscal, defasagens tecnológicas e indiferença às reais vocações de bionegócios que descrevem a região.

Não será, porém, premiada a delação que aponte responsabilidades sem propor alternativas. Nem será bem-vinda a atitude de quem só busca aplauso e se recusa a acolher

críticas proativas que apontem novas direções. Estamos há oito anos aguardando a definição de viabilidade do polo de bioindústria a partir do Centro de Biotecnologia da Amazônia, nossa vocação mais coerente e promissora para interiorizar o desenvolvimento. E deixamos nada acontecer. Concordamos com as omissões federais de infraestrutura, a despeito da generosidade fiscal do modelo. Há três meses rui a estrutura portuária obsoleta, improvisada e viciada que atende a movimentação de cargas da

indústria local, causando perda de vidas e graves prejuízos de arrecadação - algumas dezenas de milhões de ICMS - e nos negócios, com a anuência de determinadas autoridades responsáveis pela fiscalização. Algumas delas embarçaram por dois anos a liberação de uma nova estrutura portuária, a despeito de serem cumpridos todos os requisitos legais de sua projeção. Não há como recorrer à Sartre sem passar pela mea culpa do credo latino e assumir nosso lugar e papel nessa redenção.